

1932
M 231
CM 29.4.54

M 678

LUX
JORNAL

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
RIO DE JANEIRO

3
AGOSTO
1967

SE A BOMBA CAÍSSE HOJE

RUBEM BRAGA

1932
EU estava meio acordado, meio dormindo, pensando na bomba de hidrogênio, imaginando se por exemplo o rádio desse a notícia de que dentro de cinco minutos ia ser jogada uma bomba sobre o Rio. Que faria? Sair correndo com certeza não, pois não teria tempo de chegar a nenhum lugar seguro. Bem, talvez me sentisse mal em morrer assim sozinho dentro do apartamento e saísse correndo para a praia, entrasse pelo mar, desse um mergulho, com uma vaga, irracional esperança de escapar. Ou minha primeira reação talvez fosse ansia de comunicação humana, eu pegaria o telefone e discaria... para quem? Acho que teria bastante cabeça para não dar a notícia à pessoa: falaria normalmente, esperando que ela dissesse alguma coisa gentil — talvez especialmente gentil — e desligaria com um suspiro... ou ficaria falando?

Bem, se aquele telefone estivesse em comunicação, para que outro eu ligaria? Mas na verdade eu sei qual seria «aquele» telefone? Pode ser também que minha primeira providência fosse me oferecer uma boa dose de conhaque — a última das últimas! — e então eu ficaria na varanda olhando o céu e o mar, soltaria meus passarinhos, ligaria o rádio bem alto para o caso de haver alguma novidade... E talvez pensasse mais nas pessoas que estivessem longe, as que ficariam fora de nossa hecatombe. Pode ser que invejasse naquele instante sobretudo o espíquer, a sua situação esplêndida de homem que não tem problema, porque tem um dever a cumprir: compreenderia que ele ficasse imune ao medo, falando, talvez até com mais calma, a olhar o relógio, dizendo aos senhores ouvintes que até o último instante ele estaria em seu posto e daria notícia de tudo o que pudesse observar ou saber, oferta suprema do Sabonete Ideal exclusivamente para os ouvintes da Pr-J-40, a vossa estação. Assim também o fotógrafo teria o que fazer, arrumando sua máquina, para a vaga possibilidade de não ser destruído o filme...

Mas na verdade eu ficaria aflito. Muito menos aflito em todo o caso do que se o porteiro do prédio me telefonasse lá debaixo, avisando que um homem com um revólver na mão subira o elevador para me matar. Meu medo teria o grande consolo do medo coletivo, e nele se dissolveria um pouco; eu pensaria em certas pessoas excelentes ou chatíssimas que também iriam morrer, e isso me daria um certo consolo, por motivos opostos mas do mesmo efeito. Talvez o mais doloroso do medo seja a consciência de que há possibilidade de escapar, como em um naufrágio ou em um bombardeio. Essa possibilidade, essa quase certeza de que alguém vai se salvar, é que deflagra o pânico, talvez: a certeza de que todos morreremos igualmente e de que é inútil tomar qualquer providência, talvez amanse o medo: estaríamos, enfim, diante de um instante de igualdade perfeita, sem nenhum privilégio...

É mais provável, talvez, que eu fosse para a rua onde, na densa multidão reunida, haveria mulheres gritando, outras agarrando seus filhos e correndo para qualquer lado, milhares de pessoas de joelhos rezando, chorando... e eu olharia as faces das criaturas e me sentiria irmão, muito irmão de todas, naquele instante.

325